



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**THAMIRIS DAS GRAÇAS LIMA MENEZES**

**RESILIÊNCIA: UMA ANÁLISE INTERGERACIONAL**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

THAMIRIS DAS GRAÇAS LIMA MENEZES

**RESILIÊNCIA: UMA ANÁLISE INTERGERACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação/Departamento  
do Curso Psicologia da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de Graduação em Psicologia

**Orientador:** Prof. Dra. Viviane Alves dos Santos Bezerra

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M543r Menezes, Thamiris Das Gracas Lima.  
Resiliência [manuscrito] : uma análise intergeracional /  
Thamiris Das Gracas Lima Menezes. - 2023.  
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Viviane Alves dos Santos  
Bezerra, Departamento de Psicologia - CCBS. "

1. Resiliência. 2. Idosos. 3. Intergeracionalidade. I. Título

21. ed. CDD 150

THAMIRIS DAS GRAÇAS LIMA MENEZES

RESILIÊNCIA: UMA ANÁLISE INTERGERACIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação/Departamento  
do Curso de Psicologia da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 27/11/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dra. Viviane Alves dos Santos Bezerra (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Josevânia da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

As minhas mães, Jane (*in memoriam*), Fátima e Nice por serem mulheres resilientes, apesar de todas as pedras no caminho. Obrigada por nunca soltar minha mão, pela dedicação, zelo e amor. Sem a força de vocês, eu não teria conseguido chegar até aqui. DEDICO.

“Viver é um rasgar-se e remendar-se.”  
- Guimarães Rosa.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	07
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b>	09
<b>2.1</b>	<b>Delineamento</b>	09
<b>2.2</b>	<b>Participantes</b>	09
<b>2.3</b>	<b>Instrumentos de Coletas de Dados</b>	10
<b>2.4</b>	<b>Procedimentos de Coleta de Dados</b>	10
<b>2.4</b>	<b>Processamento e Análise de Dados</b>	11
<b>2.6</b>	<b>Aspectos Éticos</b>	11
<b>3</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	12
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	15
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	15
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO</b>	19
	<b>ANEXO A - ESCALA DE RESILIÊNCIA (ER)</b>	21
	<b>AGRADECIMENTOS</b>	22

## RESILIÊNCIA: UMA ANÁLISE INTERGERACIONAL

## RESILIENCE: AN INTERGENERATIONAL ANALYSIS

Thamiris das Graças Lima Menezes\*

Viviane Alves dos Santos Bezerra\*\*

### RESUMO

Dentre os diversos fatores considerados determinantes do modo como o ser humano lida com as adversidades, estudos recentes têm destacado a resiliência como um construto central. Nota-se que, em cada fase da vida, a resiliência pode se apresentar de maneira distinta, sendo relevante investigar como esse construto se expressa em diferentes etapas do desenvolvimento. Desse modo, o presente artigo teve como objetivo principal investigar as diferenças nos níveis de resiliência em diferentes gerações, especificamente entre jovens-adultos e idosos, bem como verificar as diferenças nos níveis de resiliência em função das variáveis sociodemográficas. A pesquisa envolveu 100 participantes, divididos igualmente entre jovens-adultos, com idades variando de 18 a 29 anos ( $M = 23,64$ ;  $DP = 3,21$ ), e idosos com idades entre 60 e 82 anos ( $M = 66,20$ ;  $DP = 4,89$ ). Estes responderam a Escala de Resiliência (ER) e um questionário sociodemográfico. Os dados coletados foram analisados com o auxílio do *software* SPSS, versão 21, por meio da estatística descritiva e inferencial. Os resultados demonstraram que os participantes idosos pontuaram mais alto nas dimensões sentido de vida, singularidade existencial e na escala total de resiliência, quando comparados aos jovens-adultos. No tocante as diferenças em função das variáveis sociodemográficas, observa-se que não houve diferenças significativas nos níveis de resiliência entre homens e mulheres, tanto para os participantes jovens-adultos quanto para os idosos. Por sua vez, a prática religiosa teve um impacto nos níveis de resiliência em idosos, especificamente, no fator sentido de vida. Ademais, verificou-se que a percepção de uma boa relação familiar impactou a resiliência em jovens-adultos e idosos. De maneira geral, esses dados indicam que existem diferenças na expressão da resiliência entre as faixas etárias, sugerindo que os níveis de resiliência podem ser influenciados por aspectos distintos, dependendo da fase do desenvolvimento. Espera-se que os resultados deste estudo contribuam para uma compreensão mais ampliada acerca de como a resiliência se expressa em diferentes etapas do desenvolvimento humano.

**Palavras-Chave:** resiliência; idosos; jovens-adultos; intergeracionalidade

### ABSTRACT

Among the various factors considered to determine the way in which human beings deal with adversity, recent studies have highlighted resilience as a central construct. It is noted that, at each stage of life, resilience can present itself differently, and it is important to investigate how this construct is expressed at different stages of development. Therefore, the main objective of this article was to investigate the differences in levels of resilience in different generations, specifically between young adults and the elderly, as well as verify the differences in levels of resilience depending on sociodemographic variables. The research involved 100 participants, divided equally between young adults, aged between 18 and 29 years ( $M = 23.64$ ;  $SD = 3.21$ ),

---

\* Graduanda do curso de Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba, e-mail: thamiris.menezes@aluno.uepb.edu.br

\*\*Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, e-mail: vivianebezerra@servidor.uepb.edu.br



and elderly people aged between 60 and 82 years ( $M = 66.20$ ;  $SD = 4.89$ ). They responded to the Resilience Scale (RE) and a sociodemographic questionnaire. The collected data were analyzed with the aid of SPSS software, version 21, using descriptive and inferential statistics. The results demonstrated that elderly participants scored higher in the dimensions of meaning in life, existential uniqueness and in the total resilience scale, when compared to young adults. Regarding differences depending on sociodemographic variables, it was observed that there were no significant differences in the levels of resilience between men and women, both for young adult participants and for the elderly. In turn, religious practice had an impact on resilience levels in the elderly, specifically on the meaning of life factor. Furthermore, it was found that the perception of a good family relationship impacted resilience in young adults and elderly people. In general, these data indicate that there are differences in the expression of resilience between age groups, suggesting that levels of resilience can be influenced by different aspects, depending on the stage of development. It is hoped that the results of this study will contribute to a broader understanding of how resilience is expressed at different stages of human development.

**Keywords:** resilience; elderly; young-adults; intergenerationality

## 1 INTRODUÇÃO

Em algum momento da vida, é certo que os indivíduos irão deparar-se com situações desafiadoras, sendo que o modo como cada pessoa lida com as adversidades pode diferir em função de diversas variáveis, tais como as características sociodemográficas, psicológicas, sociais, entre outras. Para alguns, determinadas situações causam sofrimento e paralisam a vida, enquanto para outros a mesma situação torna-se uma oportunidade de desenvolvimento e crescimento pessoal, da qual o indivíduo pode sair mais fortalecido e com novas perspectivas (Angst, 2009). Assim, dentre os diversos fatores considerados determinantes do modo como o ser humano lida com as adversidades, os estudos têm destacado um importante construto: a resiliência (Angst, 2009; Taboada; Legal; Machado, 2006).

Originalmente, o conceito de resiliência começou a ser utilizado nas áreas da física e da engenharia, tendo sido empregado para descrever a capacidade de materiais de retornar ao seu estado original após deformações (Yunes; Szymanski, 2001). Nas Ciências da Saúde, na década de 1970, o termo resiliência começou a ser associado a indivíduos que superaram traumas sem desenvolver problemas psicológicos (Souza; Cervený, 2006). Nas Ciências Humanas, a resiliência era vista como a capacidade de algumas pessoas vencer desafios em suas vidas (Taboada; Legal; Machado, 2006). Essa ampla aplicação demonstra a versatilidade do conceito.

Atualmente, a resiliência pode ser compreendida como a capacidade dos indivíduos de enfrentarem momentos difíceis, demonstrando flexibilidade interna que lhes permite seguir em frente e se adaptar de maneira positiva diante de desafios adversos do ambiente externo (Pesce *et al.*, 2005; Pinheiro, 2004; Taboada; Legal; Machado, 2006).

Compreende-se também que a resiliência é uma capacidade que possui uma série de benefícios para o ser humano. Ela permite que as pessoas reconceituem comportamentos e perspectivas para superar desafios, aumenta a esperança para uma melhor compreensão de eventos adversos, ajuda no enfrentamento de obstáculos e contribui para o crescimento pessoal (Araújo; Faro, 2016; Rubio; Puig, 2011). Além disso, a resiliência facilita estratégias de enfrentamento para uma velhice bem-sucedida (Araújo; Faro, 2016).

Embora a capacidade de resiliência apresente uma série de benefícios para a vida individual e social, é válido ressaltar que essa habilidade pode variar em função de diversas características. Estudos têm identificado diferentes fatores e mecanismos de proteção que podem favorecer o processo de resiliência, tanto individualmente quanto socialmente. Os

fatores de proteção individuais estão relacionados às características pessoais de um indivíduo, como o senso de humor, autoestima, autoeficácia, tolerância, expectativas para o futuro, autonomia, religiosidade e espiritualidade, bem como a capacidade de regulação emocional (Pesce *et al.*, 2005; Pinheiro, 2004; Silva Júnior *et al.*, 2019). Já os fatores de proteção social estão relacionados a um contexto familiar permeado por relações de interação estáveis e consistentes, com comunicação positiva e afetuosa, e de redes de apoio que auxiliem positivamente no desenvolvimento dos indivíduos (Pinheiro, 2004; Laranjeira, 2007).

Dentre outras características que podem impactar os níveis de resiliência, chama-se atenção no presente trabalho para a faixa etária, uma vez que diferentes pesquisas têm demonstrado que parece haver diferenças nos níveis de resiliência em função da etapa do desenvolvimento em que se encontra o indivíduo. O estudo de Carstensen, Shavit e Barnes (2020), por exemplo, desenvolvido nos Estados Unidos, com 945 pessoas com idades entre 18 e 76 anos, destacou que, apesar da maior vulnerabilidade dos idosos à COVID-19, eles experimentaram menos emoções negativas em comparação com os adultos jovens, demonstrando maiores níveis de resiliência.

O estudo conduzido por Klaiber e colaboradores (2021), com uma amostra de 776 pessoas norte-americanas e canadenses, demonstrou resultados semelhantes ao anterior. Os idosos relataram menos afeto negativo, mais afeto positivo e eventos diários positivos com mais frequência do que grupos mais jovens, apesar de experimentarem um nível semelhante de estresse percebido. Além disso, a pesquisa sugeriu que os adultos mais jovens estavam mais preocupados com os efeitos da pandemia em seu bem-estar emocional, financeiro e metas profissionais em comparação aos idosos, destacando diferenças geracionais na resposta à crise, o que poderia ser explicado por um maior nível de resiliência dos idosos.

Apesar dos estudos supramencionados sugerirem a resiliência dos idosos em lidar com o estresse e manter um bem-estar emocional positivo quando comparados àqueles mais jovens, faz-se importante destacar que esses achados não são consensuais, como demonstra um terceiro estudo realizado por Sliwinski e colaboradores (2021). A pesquisa em questão, conduzida com 226 pessoas norte-americanas entre 25 e 65 anos, destacou que essa relação não é universal e a idade pode não ser um fator determinante na capacidade de resiliência.

Assim, as pesquisas apresentadas demonstram que existem divergências em relação à capacidade de resiliência em diferentes gerações, fazendo-se necessário estudos que aprofundem as discussões sobre a temática. De fato, o desenvolvimento humano é um processo contínuo, e cada etapa traz desafios e mudanças específicas. Atualmente, entende-se que a fase adulta também envolve importantes mudanças biopsicossociais, rompendo com a ideia de estabilidade que era comumente associada a essa etapa (Agudo, 2008; Santos; Antunes, 2007). A idade adulta traz consigo uma série de desafios que exigem a capacidade de agir com autonomia e tomar decisões, lidar com questões emocionais e enfrentar instabilidades em várias áreas da vida (Piancastelli; Spirito; Flisch, 2013). O que torna relevante o desenvolvimento da capacidade de resiliência nesta etapa do desenvolvimento.

Nesta mesma direção, nota-se que o envelhecimento, também chamado de idade adulta madura ou tardia (Papalia; Feldman, 2013), é um momento de desenvolvimento que demanda dos indivíduos a capacidade constante de reinventar-se. De acordo com Néri (2013):

O envelhecimento, ou senescência, é um processo universal, determinado geneticamente para os indivíduos da espécie, motivo pelo qual é também chamado de envelhecimento normal. Esse processo tem início logo depois da maturidade sexual e acelera-se a partir da quinta década de vida, marcado pela cessação ou diminuição da possibilidade de reproduzir a espécie e por mudanças fisiológicas e morfológicas típicas. Doenças e incapacidades dependentes da ação conjunta da genética, do comportamento e do acesso a recursos científicos, tecnológicos e sociais podem acelerar a senescência e conduzir a estados finais de forte desorganização e indiferenciação. Em contrapartida, sob condições ótimas de influência da genética, do

ambiente e dos comportamentos ao longo de toda a vida, os indivíduos podem envelhecer bem (p. 20).

Mediante ao exposto, nota-se que a resiliência é uma capacidade importante em todas as etapas do desenvolvimento, podendo auxiliar os indivíduos a lidarem melhor com os desafios impostos em cada uma delas. Contudo, como anteriormente mencionado, a resiliência pode se expressar de forma distinta em cada fase da vida, sendo influenciada por diferentes características demográficas e psicossociais. Em vista disso, o objetivo do presente trabalho é avaliar os níveis de resiliência entre jovens-adultos e pessoas idosas, a fim de verificar se existem diferenças nos níveis de resiliência nas diferentes etapas do desenvolvimento. Além disso, também se verificará se os níveis de resiliência variam em função das características sociodemográficas para cada uma das etapas investigadas.

Perseguir tal objetivo é relevante pois, embora se tenha conhecimento de diversos estudos que investigaram a resiliência em jovens-adultos (Hadebe; Ramukumba, 2020; Nesbitt *et al.*, 2022; Klaiber *et al.*, 2021) e em idosos (Ferreira; Santos; Maia, 2012; Forte; Portugues; Argimon, 2009; Rodrigues; Tavares, 2021; Silva Júnior; Eulálio, 2022) ainda se nota, sobretudo no contexto brasileiro, uma escassez de trabalhos que busquem investigar a resiliência sob uma perspectiva intergeracional, ou seja, considerando as particularidades da expressão dessa capacidade em cada etapa da vida. Verificar se há diferenças nos níveis de resiliência entre jovens-adultos e idosos, bem como identificar as características sociodemográficas que podem influenciar esses níveis, possibilitará uma maior compreensão de como essa capacidade se expressa nas diferentes etapas da vida.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 Delineamento

Trata-se de um estudo de descritivo e exploratório, no qual se adotou um tratamento quantitativo dos dados. Destaca-se que, a pesquisa de caráter descritivo é aquela que busca caracterizar uma dada população/fenômeno, além de estabelecer uma relação entre variáveis. A pesquisa exploratória, por sua vez, objetiva favorecer maior proximidade do pesquisador com a problemática discutida, a fim de torná-la mais explícita ou de auxiliar na construção de hipóteses para estudos futuros (Gil, 2002).

### 2.2 Participantes

Participaram da pesquisa 100 sujeitos, sendo 50 destes da população jovem-adulta e 50 da população idosa. No tocante aos participantes jovens-adultos, a idade destes variou de 18 a 29 anos ( $M = 23,64$ ;  $DP = 3,21$ ), sendo majoritariamente do sexo feminino (76%) e residentes da região Nordeste do Brasil (84%). A maior parte deste grupo alegou estar cursando o ensino superior (48%), estar solteiro (90%), possuir renda mensal entre 1 e 3 salários-mínimos (59%), professar a fé católica (66%) e praticá-la com uma frequência moderada (32%). Além disso, uma parcela significativa (70%) dos participantes jovens disse morar com os pais e/ou outros familiares e avaliou a relação com a família como boa (38%).

No que se refere ao público idoso, a idade desses participantes variou de 60 a 82 anos ( $M = 66,20$ ;  $DP = 4,89$ ), também havendo uma prevalência do sexo feminino (84%) e de residentes da região Nordeste (90%). Uma alta proporção destes sujeitos indicou possuir ensino médio completo ou incompleto (34%) seguidos daqueles que haviam concluído o ensino fundamental (24%). Ademais, os participantes idosos disseram, majoritariamente, estar casados ou em uma união estável (42%), possuir renda mensal entre 1 e 3 salários-mínimos (56%), professar a fé católica (80%) e praticá-la com uma frequência moderada (44%). Por último, a maior parte indicou morar com familiares (52%), como filhos e netos, além de avaliar a relação com a família como boa (52%).

### 2.3 Instrumentos de Coleta de Dados

Para coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos:

**Escala de Resiliência (ER).** Trata-se de um instrumento de autorrelato que busca investigar os níveis de resiliência dos indivíduos, sendo a resiliência compreendida nessa escala como a adaptação psicossocial frente a eventos significativos da vida. A ER foi criada por Wagnild e Young, em 1993, e validada para a população brasileira por Pesce *et al.* (2005). A versão do instrumento adaptada e validada para o Brasil, contém 25 itens que devem ser respondidos em uma escala do tipo *Likert* de 7 pontos, sendo que 1 corresponde a “Discordo Totalmente” e o 7 a “Concordo Totalmente”. Em relação a sua pontuação, o escore da escala varia de 25 pontos a 175 pontos, significando um maior ou menor grau de resiliência se o participante atinge um determinado escore. Escores até 125 representam uma baixa resiliência, entre 125 e 145 uma resiliência média e acima de 145 uma alta resiliência (Wagnild, 2009). No tocante a sua estrutura fatorial, o estudo de original de Wagnild e Young (1993), hipotetizou uma estrutura de cinco fatores para a resiliência, sendo estes: autossuficiência, sentido de vida, equanimidade, perseverança e singularidade existencial. Contudo, uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) identificou uma estrutura de apenas dois fatores, sendo estes: Competência pessoal e Aceitação de si e da vida, os quais obtiveram indicadores de consistência interna (alfa de Cronbach) superior a 0,80 (Wagnild; Young, 1993). Já na validação para o contexto brasileiro, realizada com uma amostra de 997 alunos de escolas públicas, com idades entre 12 e 19 anos, foi encontrada uma solução trifatorial, com as dimensões nomeadas como: Competência Pessoal e Aceitação de Si e da Vida, Independência e Determinação e Autoconfiança e Capacidade de Adaptação. Apesar de amplamente adotada em diferentes estudos no contexto brasileiro (Forte; Portuguese; Argimon, 2009; Ferreira; Santos; Maia, 2012; Silva Júnior *et al.*, 2016) a estrutura trifatorial nunca havia sido posta à prova por meio de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC). Essa empreitada foi realizada por Perim *et al.* (2015), que testou três modelos para a resiliência por meio de uma AFC: um modelo de dois fatores, encontrado no estudo original de Wagnild e Young (1993); um modelo de três fatores, a partir da estrutura encontrada no Brasil; e um modelo de cinco fatores, tomando por base as hipóteses iniciais de Wagnild e Young (1993). Embora em todos os modelos testados as dimensões da ER tenham apresentado valores de consistência interna aceitáveis, o modelo de cinco fatores foi aquele que apresentou os melhores índices de ajuste (qui-quadrado/graus de liberdade, CFI, TLI, RMSEA), sublinhando a superioridade deste modelo para amostra do estudo. Em face destas informações, na presente pesquisa optou-se por adotar a estrutura de cinco fatores, uma vez que ela permite explorar as diferentes facetas da resiliência. Além disso, uma checagem prévia demonstrou que na estrutura de cinco fatores todas as dimensões da ER apresentaram valores de consistência interna (Ômega de McDonald) aceitáveis para fins de pesquisa (autossuficiência = 0,62; sentido de vida = 0,65; equanimidade = 0,61; perseverança = 0,60; e singularidade existencial = 0,61); o que não foi observado na estrutura trifatorial, na qual apenas um fator apresentou valores de consistência interna adequados (Competência Pessoal e Aceitação de Si e da Vida = 0,75; Independência e Determinação e Autoconfiança = 0,43; e Capacidade de Adaptação = 0,52).

**Questionário Sociodemográfico.** Por último, foi aplicado um questionário sociodemográfico a fim de obter informação acerca das características sociodemográficas dos participantes, como sexo, idade, estado civil, crença religiosa, grau de escolaridade, renda mensal familiar, com quem compartilha a residência e como avalia a relação com a família.

### 2.4 Procedimento de Coleta de Dados

A coleta de dados foi feita por meio da ferramenta *Google Forms*, na qual criou-se um formulário *online* contendo os instrumentos apresentados na seção anterior. O *link* deste formulário foi divulgado via *e-mail* e redes sociais, como *Instagram* e *WhatsApp*.

Destaca-se que, em função da dificuldade para obter respostas junto à população idosa, também se adotou como estratégia de coleta de dados a visita a instituições para convidar pessoalmente os idosos para participarem da pesquisa. De modo específico, foi realizada uma visita a Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), da Universidade Estadual da Paraíba, a fim de convidar os idosos que frequentam a instituição para responder ao formulário. Com a autorização dos responsáveis pela UAMA, a autora deste estudo foi então incluída no grupo de *WhatsApp* das turmas, para compartilhar o *link* do formulário entre os idosos. Ressalta-se que o formulário permaneceu aberto para respostas durante 60 dias.

## 2.5 Processamento e Análise dos Dados

Para análise de dados, utilizou-se o programa *Statistical Package for Social Science for Windows* – SPSS, versão 21. Inicialmente, para caracterizar a amostra, foram realizadas análises estatísticas descritivas (média, desvio padrão, frequência). Em seguida, a hipótese de distribuição normal dos dados da EARS foi verificada pelo teste de Shapiro-Wilk, tendo em vista que esse é o teste mais poderoso para verificar a normalidade em diferentes tamanhos amostrais (Razali; Wah, 2011). Os resultados encontrados para o fator geral da ER ( $z = 0,90$ ,  $p < 0,001$ ) e para as dimensões autossuficiência ( $z = 0,95$ ,  $p < 0,001$ ), sentido de vida ( $z = 0,94$ ,  $p < 0,001$ ), equanimidade ( $z = 0,97$ ,  $p = 0,007$ ), perseverança ( $z = 0,95$ ,  $p < 0,001$ ) e singularidade existencial ( $z = 0,91$ ,  $p < 0,001$ ) refutaram a hipótese de normalidade, desse modo, foram utilizados testes estatísticos não-paramétricos.

Nomeadamente, o teste de Mann-Whitney foi adotado para verificar as diferenças nos níveis de resiliência entre jovens-adultos e idosos. Em seguida, o teste de Kruskal-Wallis foi empregado para verificar as diferenças no nível de resiliência de cada grupo considerando as características sociodemográficas, especificamente verificou-se se o nível de resiliência variava em função do sexo do participante, da prática religiosa e de como o participante avalia a relação com a família. Destaca-se que essas variáveis foram escolhidas para a análise por serem aquelas que apresentaram relativa heterogeneidade na amostra, possibilitando, assim, uma melhor comparação entre os grupos; além disso, são aspectos os quais a literatura sugere que podem impactar os níveis de resiliência (Cyrulnik, 2018; Forte; Portuguesez; Argimon, 2009; Laranjeira, 2007; Pinheiro, 2004; Rodrigues; Tavares, 2021; Silva Júnior *et al.*, 2019).

O grau de significância adotado em todas as análises foi de  $p \leq 0,05$ , e o tamanho de efeito ( $r$ ) para os resultados encontrados foi calculado por meio da fórmula:

$$r = \frac{z}{\sqrt{N}}$$

Em que Z é o escore-z, calculado pelo SPSS, e N é o tamanho total de observações realizadas, na qual Z foi baseado. Salienta-se que tamanhos de efeito até 0,30 são considerados pequenos, valores acima de 0,30 até 0,50 são considerados efeitos moderados, e valores superiores a 0,50 são considerados efeitos grandes (Field, 2020).

## 2.6 Aspectos Éticos

Toda a pesquisa foi conduzida respeitando as orientações da Resolução n.º 466/2012 e n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde para pesquisa com seres humanos (Brasil, 2012; 2016), tendo recebido parecer favorável à sua execução por meio do número CAEE: 70591823.2.0000.5187

O público-alvo da pesquisa foi orientado quanto aos objetivos do estudo e esclarecidos sobre os procedimentos éticos que o nortearam, sendo convidado a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A assinatura do referido termo indicou o consentimento e o caráter voluntário da participação, garantindo-se também o sigilo da identidade pessoal dos participantes e assegurando-se o direito do pesquisador de divulgar os resultados para fins acadêmicos.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, buscou-se verificar se havia diferenças no nível de resiliência entre jovens-adultos e a população idosa. O teste de Mann-Whitney demonstrou que existiam diferenças significativas entre a população jovem e a população idosa apenas quando consideradas as dimensões sentido de vida, singularidade existencial e o escore geral de resiliência. De modo específico, os participantes idosos pontuaram mais alto nos fatores sentido de vida, singularidade existencial e na escala total de resiliência quando comparados aos jovens-adultos. Esses resultados podem ser observados de forma pormenorizada na Tabela 1. Observa-se que o tamanho de efeito para os resultados significativos variou de baixo a moderado.

**Tabela 1.** Diferenças no nível de resiliência em função da etapa do desenvolvimento

	Etapa do Desenvolvimento	N	Média do Rank	U	Sig.	r
ER <sub>total</sub>	Jovens-adultos	50	42,88	1631,00	<b>0,009</b>	0,26
	Idosos	50	58,12			
Autossuficiência	Jovens-adultos	50	46,60	1445,00	0,17	0,09
	Idosos	50	54,40			
Sentido de vida	Jovens-adultos	50	39,10	1820,00	<b>&lt;0,001</b>	0,40
	Idosos	50	61,90			
Equanimidade	Jovens-adultos	50	45,28	1519,50	0,07	0,18
	Idosos	50	55,71			
Perseverança	Jovens-adultos	50	45,63	1493,50	0,09	0,17
	Idosos	50	55,37			
Singularidade Existencial	Jovens-adultos	50	44,96	1527,00	<b>0,05</b>	0,20
	Idosos	50	58,04			

Fonte: Elaboração Própria, 2023.

O fato de a população idosa apresentar um maior nível de resiliência quando comparada aos jovens-adultos é validado por outros estudos (Carstensen; Shavit; Barnes, 2020; Klaiber *et al.*, 2021). Embora o envelhecimento e a velhice envolvam perdas em várias áreas da vida (Concentino; Viana, 2011; Neri, 2013), a perspectiva de resiliência, conforme destacada por Fontes (2010), pode ajudar as pessoas a transformar essas perdas em ganhos psicológicos, contribuindo para uma velhice bem-sucedida.

É interessante pontuar que, de acordo com estudos de Wagnild e Young (1993), o Sentido da Vida é a dimensão da resiliência que está intimamente relacionado à percepção pessoal de um propósito ou significado para a existência. A Singularidade Existencial, por sua vez, aborda o sentimento de singularidade, a ideia de que somos únicos e, como tal, algumas experiências devem ser enfrentadas individualmente, promovendo um senso de liberdade (Wagnild; Young, 1993).

Desse modo, faz importante lembrar que de acordo com Papalia e Feldman (2013), na vida adulta tardia, as pessoas enfrentam desafios como a perda de suas habilidades, entes

queridos e a preparação para a morte. Quando se aposentam, também lidam com a perda de relações profissionais, mas podem encontrar satisfação em amizades, família, trabalho voluntário e na exploração de interesses anteriormente negligenciados. Anaut (2018) destaca que a aposentadoria e o momento em que os filhos saem de casa são eventos significativos na vida dos idosos que, muitas vezes, os desafiam a redefinir sua identidade e explorar novos interesses. Assim, pode-se inferir que, embora seja um período da vida marcado por diversas perdas, também é um momento em que os idosos são capazes de construir novos significados e propósitos para a existência, diferentemente dos jovens e jovens-adultos que, possivelmente, continuam em busca de identificar tais propósitos (Papalia; Feldman, 2013).

No tocante às diferenças na dimensão singularidade existencial, nota-se que os idosos apresentam mais fortemente a ideia de que são seres únicos, quando comparados aos jovens-adultos. Isso pode estar associado, à própria experiência de vida, já que mediante os estudos de Frumi e Celich (2005), as vivências acumuladas tornam a velhice uma fase de reflexão, sendo o envelhecer acompanhado pela busca por maturidade interior, liberdade e uma perspectiva única diante da finitude, o que permite aos idosos uma maior consciência de que cada indivíduo percorre uma jornada singular na busca de significado para sua existência (Frumi; Celich, 2005).

Por meio do teste de Mann-Whitney foi possível também verificar se os níveis de resiliência variavam em função do sexo entre os grupos investigados. Os resultados dessa análise demonstraram que os níveis de resiliência – considerando todas as dimensões da ER – foram semelhantes entre homens e mulheres tanto para o grupo de jovens adultos, quanto para o grupo de idosos.

Estes resultados corroboram os achados do estudo feito por Forte, Portuguez e Argimon (2009), com 86 idosos, sendo 67 participantes do sexo feminino e 19 participantes do sexo masculino. O estudo constatou que mulheres tiveram um índice de resiliência de 85,2 enquanto os homens de 84,2, não havendo, assim, uma correlação significativa entre o nível de resiliência e o sexo dos participantes. Contudo, achados de outro estudo encontraram diferenças no nível de resiliência em função do sexo dos participantes. A pesquisa desenvolvida por Rodrigues e Tavares (2021), envolvendo também um público de idosos, dos quais 539 eram do sexo feminino e 269 do sexo masculino, demonstrou que o escore geral de resiliência foi mais elevado em homens, com uma média de 81,53, em comparação com mulheres, que apresentaram uma média de 76,32.

Desse modo, percebe-se que as diferenças nos níveis de resiliência em função do gênero ainda são um pouco contraditórias. Neste sentido, faz-se necessário que novos estudos continuem sendo desenvolvidos para verificar se existem diferenças, de fato, no nível de resiliência entre homens e mulheres.

Quando se verificou se os níveis de resiliência variavam em função da prática religiosa do participante, observou-se que, para os jovens-adultos, não há diferença no nível de resiliência, considerando todas as dimensões da ER e o escore global, em função da prática religiosa. Em outras palavras, independentemente se os jovens alegaram praticar sua religião com pouca, moderada ou muita frequência, os níveis de resiliência foram semelhantes.

Contudo, para os participantes idosos observou-se resultados um pouco diferentes, especificamente para a dimensão sentido de vida. Nomeadamente, notou-se que aqueles participantes que alegaram praticar a religião a qual professavam com muita frequência (Média do Rank = 34,61) apresentaram maiores escores na dimensão sentido de vida do que aqueles que indicaram praticar a religião com pouca frequência (Média do Rank = 27,17) ( $H(2) = 11,87$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,27$ ). O tamanho de efeito para esse resultado foi baixo.

Os estudos conduzidos por Silva Júnior e colaboradores (2019) corroboram esses resultados. Os autores realizaram uma pesquisa com 86 idosos urbanos, com idade média de 75,7 anos, e identificaram uma correlação significativa entre resiliência e religião. Entre os

diversos dados sociodemográficos analisados no estudo, a religião sobressaiu como a única variável que apresentou uma associação significativa com a resiliência. Para Silva Júnior e colaboradores (2019), isso destaca a importância notável da religião no enfrentamento das adversidades da vida.

Desse modo, a religião pode ser compreendida como um pilar de resiliência para os idosos. Considera-se que ela estrutura um modo de vida que inclui apoio mútuo, busca de significado no sofrimento, identificação com figuras protetoras e celebração de rituais. Além disso, a prática religiosa gera pertencimento, eleva a autoimagem, proporciona experiências transcendentais e fornece segurança através da obediência a uma lei divina (Cyrulnik, 2018). Assim sendo, a religião pode estar ligada ao sentido de vida devido ao seu potencial de oferecer respostas para perguntas existenciais, orientação moral, conexão social e espiritual, e uma visão de um propósito maior na vida e além dela.

Por último, se analisou se os níveis de resiliência variavam considerando o modo como o participante avalia sua relação com a família. Para os participantes jovens-adultos observou-se diferenças significativas na dimensão sentido de vida. De modo específico, aqueles jovens que avaliaram a relação com a família como ruim (Média do Rank = 3,38) pontuaram menos na dimensão sentido de vida do que aqueles que consideraram que possuem uma ótima relação com a família (Média do Rank = 13,01) ( $H(3) = 12,03; p = 0,007; r = 0,55$ ). O tamanho de efeito para este resultado foi alto.

Para os participantes idosos, por sua vez, a forma como avaliaram a relação com a família também parece apresentar impactos em seus níveis de resiliência. De modo específico, notou-se que os participantes que avaliaram a relação familiar como ótima (Média do Rank = 11,38) pontuaram mais alto na subescala equanimidade do que aqueles que avaliaram a relação familiar como ruim (Média do Rank = 2,67) ( $H(3) = 9,03; p = 0,05; r = 0,50$ ). Resultados semelhantes foram observados quando se considerou a dimensão singularidade existencial, os idosos que avaliaram a relação com a família como ótima (Média do Rank = 11,22) pontuaram mais alto nesta faceta da resiliência do que aqueles que avaliaram essa relação como ruim (Média do Rank = 3,50) ( $H(3) = 14,21; p = 0,003; r = 0,48$ ). O tamanho de efeito para estes resultados foi moderado.

Quanto aos resultados referentes aos jovens-adultos, destaca-se que autores como Papalia e Feldman (2013), compreendem a fase da jovem-adulthood como um período em que a maioria dos indivíduos não está pronto para assumir responsabilidades típicas da idade adulta, como estabelecer uma vida independente, construir uma carreira e formar uma família. Nesta direção, a pesquisa de Lambert e colaboradores (2010), ressalta a importância das relações familiares como uma significativa fonte de sentido durante esse período de transição. Os estudos oriundos da pesquisa demonstraram que a família foi identificada como a principal fonte de significado mesmo diante de outras variáveis relevantes. Portanto, recorrer à base segura da família é uma forma de obter um propósito durante este período de transição e exploração da identidade (Lambert *et al.*, 2010).

Em relação à população idosa e à equanimidade, é importante ressaltar que essa habilidade se refere à capacidade de encarar os desafios da vida com adaptabilidade, aceitando-os como partes essenciais do caminho a ser percorrido da maneira mais adequada possível (Wagnild; Young, 1993). Neste sentido, como já mencionado anteriormente, pode-se observar que apesar de lidarem com diversas perdas, sejam elas biológicas, sociais ou psicológicas (Concentino; Viana, 2011; Papalia; Feldman, 2013; Neri, 2013), os idosos são capazes de se adaptarem a essas perdas ao redirecionarem metas e explorar novos interesses, como, por exemplo, o interesse pela arte e pelo teatro (Anaut, 2018; Fontes, 2010). Sendo assim, a relação existente entre idosos, família, com o fator da equanimidade, pode ser pensada pelo fato de que o apoio familiar pode ajudar as pessoas idosas a encarar as diversas perdas inerentes a essa etapa da vida de uma forma mais adaptável (Witter; Camilo, 2011).



No contexto referente ao idoso e a família, com o fator singularidade existencial, é possível refletir que a valorização das experiências vividas pelos idosos durante sua trajetória promove um sentido no envelhecer e o reconhecimento de sua singularidade, o ajudando, por exemplo, a enfrentar questões relacionadas à finitude (Frumi; Celich, 2006). Pode-se então supor que ao ser considerada a individualidade e a história de vida do idoso dentro do seu contexto familiar, enriquece sua experiência e o senso de ser único.

Em face de todo o exposto, nota-se que existem algumas diferenças significativas na resiliência quando considera as diferentes etapas do desenvolvimento. Como mencionado anteriormente, cada fase da vida terá desafios específicos, sendo relevante investigar como a resiliência poderá contribuir para o enfrentamento em cada uma delas.

## 5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve por objetivo verificar se havia diferenças nos níveis de resiliência entre jovens-adultos e idosos, bem como identificar as características sociodemográficas que podem influenciar esses níveis. De maneira geral, os resultados demonstraram que os participantes idosos pontuaram mais alto nas dimensões sentido de vida, singularidade existencial e na escala total de resiliência, quando comparados aos jovens-adultos. No tocante as diferenças em função das variáveis sociodemográficas, observa-se que não houve diferenças significativas nos níveis de resiliência entre homens e mulheres, tanto para os participantes jovens-adultos quanto para os idosos. Por sua vez, a prática religiosa teve um impacto nos níveis de resiliência em idosos, especificamente, no fator sentido de vida. Ademais, verificou-se que a percepção de uma boa relação familiar impactou a resiliência em jovens-adultos e idosos. De maneira geral, esses dados indicam que existem diferenças na expressão da resiliência entre as faixas etárias, sugerindo que os níveis de resiliência podem ser influenciados por aspectos distintos, dependendo da fase do desenvolvimento.

Embora considere-se que os objetivos do estudo tenham sido alcançados, é válido destacar algumas limitações. Por exemplo, esta pesquisa teve uma participação maior do sexo feminino do que do sexo masculino, sendo essa homogeneidade uma limitação do presente estudo. Além disso, por ser um estudo de caráter quantitativo, não é possível explorar com maior riqueza de detalhes como a resiliência se expressa nas diferentes etapas da vida. Nesse sentido, sugere-se que estudos futuros busquem amostras mais heterogêneas, bem como considerem métodos qualitativos ao investigar a expressão da resiliência nas diferentes faixas etárias.

Mesmo diante de tais limitações, esses achados são relevantes, pois ajudam a refletir que dimensões da resiliência podem ser mais trabalhadas com jovens-adultos e idosos, bem como que fatores podem ser potencializados para o fortalecimento dessa capacidade. Assim, espera-se que cada vez mais pesquisas avaliem a resiliência em uma perspectiva intergeracional.

## REFERÊNCIAS

AGUDO, V. R. C. **A transição para a idade adulta e os seus marcos: que efeito na sintomatologia depressiva?** 2008. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade De Lisboa, 2008.

ANAUT, M. Creatividad, humor y resiliencia a medida que la edad avanza *In*: CYRULNIK, B.; PLOTON, L. **Envejecer con resiliencia**: Cuando la vejez llega. Gedisa, 2018.

- ANGST, R. Psicologia e resiliência: uma revisão de literatura. **Psicologia argumento**, v. 27, n. 58, p. 253-260, 2009.
- ARAÚJO, C. L. D. O.; FARO, A. C. M. Estudo sobre resiliência em idosas do Vale do Paraíba, São Paulo, Brasil. **Enfermeria Global**, v. 42, p. 81-98, 2016.
- CARSTENSEN, L. L.; SHAVIT, Y. Z.; BARNES, J. T. Age advantages in emotional experience persist even under threat from the COVID-19 pandemic. **Psychological Science**, v. 31, n. 11, p. 1374-1385, 2020.
- COCENTINO, J. M. B.; VIANA, T. C. A Velhice e a Morte: reflexões sobre o processo de luto. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 14, n. 3, p. 591-600, 2011.
- CYRULNIK, B. Resilience en la vejez? *In*: CYRULNIK, B.; PLOTON, L. **Envejecer con resiliencia: Cuando la vejez llega**. GEDISA, 2018,
- FERREIRA, C. L.; SANTOS, L. M. O.; MAIA, E. M. C. Resiliência em idosos atendidos na Rede de Atenção Básica de Saúde em município do nordeste brasileiro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 2, p. 328-334, 2012.
- FIELD, A. (2020). **Descobrimo a estatística usando o SPSS**. (5a Ed.). Penso.
- FONTES, A. P. Resiliência, segundo o paradigma do desenvolvimento ao longo da vida (life-span). **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 13, p. 8-20, 2010.
- FORTES, T. F. R.; PORTUGUEZ, M. W.; ARGIMON, I. D. L. A resiliência em idosos e sua relação com variáveis sociodemográficas e funções cognitivas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 26, p. 455-463, 2009.
- FRUMI, C.; CELICH, K. L. S. O olhar do idoso frente ao envelhecimento e à morte. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 3, n. 2, 2006.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HADEBE, N. F.; RAMUKUMBA, T. S. Resilience and social support of young adults living with mental illness in the city of Tshwane, Gauteng province, South Africa. **curatiosis**, v. 43, n. 1, p. 1-7, 2020.
- KLAIBER, P. *et al.* The ups and downs of daily life during COVID-19: Age differences in affect, stress, and positive events. **The Journals of Gerontology: Series B**, v. 76, n. 2, p. 30-37, 2021.
- LAMBERT, N. M. *et al.* Family as a salient source of meaning in young adulthood. **The Journal of Positive Psychology**, v. 5, n. 5, p. 367-376, 2010.
- LARANJEIRA, C. A. S. D. J. Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 23, p. 327-332, 2007.
- NERI, A. L. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. *In*: MALLOY-DINIZ, L. F.; FUENTES D.; CONSENZA, R. M. (Orgs.) **Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional**, Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 17-42.

NESBITT, A. E. *et al.* Understanding resilience among transition-age youth with serious mental illness: protocol for a scoping review. **BMJ open**, v. 12, n. 9, p.1-9, 2022.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PERIM, P. C. *et al.* Análise fatorial confirmatória da versão Brasileira da Escala de Resiliência (ER-Brasil). **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 373-384, 2015.

PESCE, R. P. *et al.* Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Cadernos de Saúde pública**, v. 21, p. 436-448, 2005.

PIANCASTELLI, C. H.; SPIRITO, G. C.; FLISCH, T. M. P. **Saúde do Adulto**. 2. ed. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2013.

PINHEIRO, D. P. N. A resiliência em discussão. **Psicologia em estudo**, v. 9, n.1, p. 67-75, 2004.

RAZALI, N. M.; YAH, B. W. Power Comparisons of Shapiro-Wilk, Kolmogorov-Smirnov, Lilliefors and Anderson-Darling Tests. **Journal of Statistical Modeling and Analytics**, v. 2, n. 1, p. 22-33. 2011.

RODRIGUES, F. R; TAVARES, D. M. D. S. Resiliência em idosos: fatores associados às condições sociodemográficas e de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, p. 1-7, 2021.

RUBIO, J. L.; PUIG, G. Manual de resiliência aplicada. **Manual de resiliencia aplicada**. Barcelona, España: Gedisa, 2011.

SANTOS, B. S; ANTUNES, D. D. Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. **Educação**, Porto Alegre/rs, v. 61, n. 1, p.149-164, 2007.

SILVA JÚNIOR, E. G. *et al.* A capacidade de resiliência e suporte social em idosos urbanos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 7-16, 2019.

SILVA JÚNIOR, E. G.; EULÁLIO, M. C. Resiliência para uma velhice bem-sucedida: mecanismos sociais e recursos pessoais de proteção. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, p. 1-16, 2022.

SLIWINSKI, M. J. *et al.* Does chronic stress moderate age differences in emotional well-being? Testing predictions of Strength and Vulnerability Integration. **The Journals of Gerontology: Series B**, v. 76, n. 6, p. 1104-1113, 2021.

SOUZA, M. T. S.; CERVENY, C. M. O. Resiliência psicológica: revisão da literatura e análise da produção científica. **Revista Interamericana de Psicología**, v. 40, n. 1, p. 119-126, 2006.

TABOADA, N. G.; LEGAL, E. J.; MACHADO, N. Resiliência: em busca de um conceito. **Journal of Human Growth and Development**, v. 16, n. 3, p. 104-113, 2006.

WAGNIL. G. M. A review of the Resilience Scale. **Journal of nursing measurement**, v. 17, n. 2, p. 105-113, 2009.

WAGNILD, G. M.; YOUNG, H. M. Development and psychometric. **Journal of Nursing Measurement**, v.1, n. 2, p. 165-178, 1993.

WITTER, C.; CAMILO, A. B. R. Família e envelhecimento. *In*: WITTER, C.; BURITI, M. A. (orgs.). **Envelhecimento e contingências da vida**. Campinas, SP: Alínea, 2011. p. 83-101.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. **Resiliência e educação**, v. 2, n. 1, p. 13-43, 2001.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. Sexo:

Feminino ( )

Masculino ( )

Outro: \_\_\_\_\_

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. Região do País: \_\_\_\_\_

4. Estado Civil:

Solteiro(a) ( )

Casado(a) ou vive com companheiro(a) ( )

Divorciado(a) ( )

Viúvo(a) ( )

5. Crença religiosa:

Católico ( ) Evangélico ( ) Espírita ( ) Ateu ( ) Outra ( ) \_\_\_\_\_

6. Com que frequência você pratica sua crença religiosa?

Pouquíssima frequência ( )

Pouca frequência ( )

Moderadamente ( )

Muita frequência ( )

Muitíssima frequência ( )

7. Grau de Escolaridade

Ensino Fundamental incompleto ( )

Ensino Fundamental Completo ( )

Ensino Médio Incompleto ( )

Ensino Médio Completo ( )

Cursando o Ensino Superior ( )

Ensino Superior Completo ( )

Pós-graduação ( )

8. Renda Mensal Familiar

Menos de um salário mínimo ( )

Entre 1-3 salários mínimos ( )

Entre 4-5 salários mínimos ( )

Entre 6-10 salários mínimos ( )

Acima de 10 salários mínimos ( )

9. Com quem você mora atualmente?

\_\_\_\_\_

10. Como você avalia a sua convivência com os membros da sua família?

\_\_\_\_\_

11. Você considera que recebe o suporte adequado (emocional, financeiro, entre outros) da sua família? Por quê?

\_\_\_\_\_

7. Você possui outras redes de suporte? Se sim, quais são?

\_\_\_\_\_

## ANEXO A – ESCALA DE RESILIÊNCIA (ER)

---

### Itens da escala de resiliência

---

Quando eu faço planos, eu levo eles até o fim  
Eu costumo lidar com os problemas de uma forma ou de outra  
Eu sou capaz de depender de mim mais do que qualquer outra pessoa  
Manter interesse nas coisas é importante para mim  
Eu posso estar por minha conta se eu precisar  
Eu sinto orgulho de ter realizado coisas em minha vida  
Eu costumo aceitar as coisas sem muita preocupação  
Eu sou amigo de mim mesmo  
Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo  
Eu sou determinado  
Eu raramente penso sobre o objetivo das coisas  
Eu faço as coisas um dia de cada vez  
Eu posso enfrentar tempos difíceis porque já experimentei dificuldades antes  
Eu sou disciplinado  
Eu mantenho interesse nas coisas  
Eu normalmente posso achar motivo para rir  
Minha crença em mim mesmo me leva a atravessar tempos difíceis  
Em uma emergência, eu sou uma pessoa em quem as pessoas podem contar  
Eu posso geralmente olhar uma situação em diversas maneiras  
Às vezes eu me obrigo a fazer coisas querendo ou não  
Minha vida tem sentido  
Eu não insisto em coisas as quais eu não posso fazer nada sobre elas  
Quando eu estou numa situação difícil, eu normalmente acho uma saída  
Eu tenho energia suficiente para fazer o que eu tenho que fazer  
Tudo bem se há pessoas que não gostam de mim

---

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer **a Deus** pela sua graça ter me conduzido até aqui. Por todos os momentos que diante da solidão e das angústias, ele foi meu refúgio e consolo.

A minha mãe (**Jane**) (*in memoriam*), pela dádiva dos nossos caminhos terem se encontrado nessa vida. Te amarei para sempre, um amor do tamanho do universo (como você costumava dizer que era o seu amor por mim).

Aos meus avós (**Fátima e João**), por terem me acolhido em sua casa e em suas vidas com tanto zelo, carinho e amor.

A minha tia e madrinha (**Nice**), pela sua dedicação e amor. Obrigada por ser meu porto seguro em todas as horas. Sem você não seria possível a realização dos meus sonhos.

Ao meu pai (**Ribamar**), pelo custeio dos meus estudos.

Ao meu irmão (**Paulo Henrique**), pelo privilégio de ter alguém com quem compartilhar a vida. Por me fazer querer ser alguém melhor e um exemplo no seu percurso.

Ao meu namorado (**Guilherme**), por ser meu maior apoio durante minha estadia em Campina Grande. Pelas vezes que pensei em desistir e você me deu forças para continuar. Obrigada pelo seu companheirismo.

A minha grande amiga (**Yane**), pela sua amizade e apoio mesmo à distância.

As minhas queridas amigas da graduação (**Lívia, Carol e Eliane**), por tornarem a caminhada mais leve, mesmo diante aos percalços da graduação.

Ao **meu analista**, pela escuta nas horas das tribulações e das indecisões. Por ajudar a me implicar diante da vida, dos meus desejos.

A todos os **familiares, amigos e pessoas próximas** que passaram pela minha vida e de alguma maneira me ajudaram deixando seus aprendizados.

Aos meus professores (**do Externato Santo Antônio, do Colégio Diocesano Seridoense e da Universidade Estadual da Paraíba**), pelo tempo e dedicação ao meu ensino.

A minha orientadora (**Profa. Dra. Viviane**), pela sua condução e dedicação a este trabalho. Por ser luz nos meus caminhos em um dos momentos mais importantes da minha vida. Te levarei para a vida toda.

A minha banca examinadora (**Profa. Dra. Josevânia e Prof. Me. Edivan**), por serem uma referência de profissionais éticos e engajados naquilo que fazem. Meus mais sinceros agradecimentos por aceitarem o convite de estarem na minha banca.

Àqueles que se propuseram a responder a esta pesquisa e aos que de alguma forma me ajudaram a torná-la possível, meu muito obrigada.

Gostaria também de agradecer às minhas raízes, a minha cidade (**Caicó**), por me fazer ser quem eu sou. Agradecer pela fé que me faz carregar no coração; por ensinar que mesmo em solo árido, é possível florir. Tenho muito orgulho de ser do sertão do Seridó.

Por fim, desejo externar que a caminhada até aqui não foi fácil, houve dias de muitas dificuldades e incertezas, contudo, também houve dias de muito aprendizado e superação.

Viver está longe de ser algo simples, como diria Guimarães Rosa: “viver é um rasgar-se e remendar-se”. Obrigada (**a vida**), pela capacidade de nos reinventar e de superar os obstáculos.